

Manual de História da Arte: Prefácio; Capítulo 3 (1842)¹

Franz Kugler

Tradução: Mauni Oliveira

Prefácio

Parece-me indispensável, antes de tudo, fazer algumas observações introdutórias ao livro que aqui apresento ao público e ao que, dado que traz uma boa parte de minha vida consigo, gostaria de preparar uma recepção calorosa.

Primeiramente, sobre a escolha do título. Ele diz muito e muito pouco; mas refleti várias vezes sem poder encontrar um melhor, que fosse semelhantemente fácil de manusear. Utilizamos as palavras história da arte em sentido mais estrito e mais amplo; neste, quando tomamos a história da música e da poesia; naquele, quando falamos das artes plásticas espaciais (com a inclusão da arquitetura). Este último é o caso em meu livro; e dado que as palavras são usadas heterogeneamente mais em seu sentido estrito do que em seu sentido amplo, acreditei ainda assim também poder seguir o costume geral.

Muito mais importante que o título, porém, é justificar a tarefa que me esforço para cumprir. É a primeira tentativa mais abrangente de seu tipo que aqui confronta o público; ao menos acredito poder não tomar em consideração o que foi escrito antes sobre o conjunto da história da arte sem que me acusem de arrogância. Precisa, portanto, existir provavelmente uma boa razão pela qual nenhuma outra, e talvez mais competente, pena tenha me antecedido com tal trabalho. E, todavia, esse motivo é claro como o dia: o conjunto de nossa ciência ainda é muito jovem, é um reino com cuja tomada recém estamos ocupados, cujos vales e florestas ainda temos que aclarar, cujas estepes desérticas ainda temos que desbravar; será exigida a mais diversa atividade para o pormenor, dado que é difícil e muitas vezes quase impraticável colocar uma rede geográfica cômoda e distinguir com linhas coloridas limpas províncias, distritos, comarcas e arredores uns dos outros. Visto que eu, contudo, o fiz ou tentei fazê-lo – poderia dizer que fui muitas e insistentes vezes

¹ Traduzido a partir de KUGLER, Franz. Vorwort; Drittes Kapitel: Die Alten Denkmäler von Amerika. In: _____. *Handbuch der Kunstgeschichte*. Stuttgart: Ebner und Seubert, 1842. p. IX-XIV; p. 18-35.

desafiado a isso e que deixei passar dias e anos antes que ousasse ceder aos desafios amigáveis que talvez superestimassem minhas forças; isso interessará pouco ao gentil leitor, que perguntará muito mais apenas pelas razões que me levaram a ceder. Elas são as seguintes. Se ainda temos muito, realmente muitíssimo a fazer em nossa ciência, pois já existe uma tão grande quantidade de particularidades, que para esta quanta ordem quanto é possível precisa ser conseguida. A histórica geral (a cujo serviço nos esforçamos por conquistar aquele reino) nos coloca pouco a pouco a muito séria questão do que de fato conseguimos nesses anos e qual proveito resulta para ela de nossos esforços. Então há muitos amigos que, para próprio prazer, querem ter uma visão confortável de nossos afazeres, e discípulos que estão dispostos a ajudar e aos quais devemos apontar os caminhos. E não menos, parece-me um requisito urgente para nós mesmos; quando sempre olhamos apenas para o pormenor, o que está próximo, podemos facilmente correr o risco de entorpecer o sentido para a distância e o espaço que envolve o todo; podemos esquecer que o pormenor tem seu sentido mais nobre tão somente como um elemento do todo. Precisamos, por conseguinte, nunca, de forma simétrica, perder de vista proximidade e distância, se queremos seguir adiante com êxito, como o sangue precisa fluir para dentro e para fora do coração se a vida quer se desenvolver prosperamente.

Dou assim por enquanto um conjunto, como os meios que me estavam disponíveis, queria igualmente unir-se ao todo. O que eu mesmo pesquisei, procurei tanto quanto possível fundir com o que foi feito por outros. Mencionei as fontes mais importantes (que no total oferecem as melhores ferramentas para outras investigações dos pontos individuais) sem, contudo, mencionar particularmente a autoridade para cada palavra desconhecida; o livro teria aumentado desnecessariamente com isso; algumas vezes também teria sido impossível, visto que eu de forma alguma posso dizer mais sobre se cada pensamento pertenceria a mim ou a outro e que fui conduzido certamente por este ou aquele motivo externo a algumas interessantes pesquisas. Não me atrevo, aliás, como se depreende do supracitado provavelmente o suficiente, que meu livro tenha um valor duradouro para a ciência; procurei apenas promover seu funcionamento presente tão bem quanto o estado atual permite. Eu ainda poderia ter esperado novamente anos antes que enviasse este trabalho ao mundo, mas a espera é por vezes uma coisa estranha. Assim lamentou um crítico bem intencionado, quando meu Manual da História da Pintura desde Constantino, o Grande², foi publicado, que eu com isso não teria esperado por esta e aquela grande

² Handbuch der Geschichte der Malerei seit Konstantin dem Großen bis auf die neuere Zeit. Duncker und Humblot, Berlim, 1837. N.T.

obra, particularmente a grande História da Pintura Italiana de Gaye³. Mas Gaye faleceu sem haver revisado a obra; e Felix Papencordt⁴ disse-me que, somente ele, que sentava muitas vezes com Gaye nas bibliotecas da Itália, estaria na posição de tornar úteis para impressão as coletâneas que seu amigo coletara para tal fim; e Felix Papencordt, em cuja mente brilhante e viva força física repousavam tão grandes esperanças agora também faleceu! Minha História da Pintura realmente não é uma obra de particularmente excelente maestria; mas eu provavelmente deva dizer que fez algum bem, o que se teria perdido se eu houvesse esperado. Aproveitemos a vida enquanto vivemos! A interação das forças produz ganho muito maior do que quando cogitamos em nobre reclusão sobre uma realização que somos capazes de abordar apenas através de ação conjunta. Se a própria construção não é a pedra que levamos até ela!

O quanto sucedi em minha tarefa, deixo de bom grado ao juiz daquelas que são chamadas a julgamento; meu livro, o texto e a disposição do mesmo, o curso de ideias que nisto se expressa, a forma das alusões ao pormenor, tudo isso deve falar por si. Achando-se o livro útil, poderá talvez incorporar ao mesmo outros lançamentos no campo da história da arte que são esperados nos anos vindouros. O que chegou até mim de novas concepções e novos trabalhos, mesmo durante a impressão, tanto quanto os objetivos do livro pareciam exigir, acrescentei em “Suplementos e Retificações”. Os mesmos relacionam-se principalmente a monumentos na região do Reno, onde neste verão tive a sorte de ver e conhecer muitas novidades em uma viagem para investigar os monumentos locais. Apresentarei em um documento separado informações detalhadas e abrangentes sobre a viagem, que podem ser adequadas para mostrar muitos pontos da história da arte nacional em uma nova e mais brilhante luz.

As listas no fim do livro pareceram-me ser necessárias para o uso do mesmo, tanto a lista de locais como a dos nomes de artistas, dado que seria especialmente muito difícil descobrir sem elas muitos dos monumentos mais importantes e os diferentes trechos em que algo de um monumento individual é indicado. Talvez esta lista de locais dê ao livro ao mesmo tempo a característica de um companheiro útil em viagens. Infelizmente se une às duas listas ainda uma terceira, também não desprezível – a dos erros de impressão. Pede-se perdão em nome do livro ao leitor interessado, que ao fim um aspecto tão pouco agradável o confronte; mas também pode levar em consideração o pedido insistente do autor de querer corrigir os erros

³ Johannes Wilhelm Gaye (1804-1840), historiador da arte alemão. N.T.

⁴ Felix Papencordt (1812-1841), historiador alemão. N.T.

antes do uso do livro, dado que ao menos alguns deles são próprios de destruir o sentido de passagens relevantes do texto. Equívocos não intencionais e não particularmente marcantes foram deixados totalmente intactos na lista. As vantagens que eu desejaria que o manual pudesse oferecer ao estudo de história da arte devem ser substancialmente aumentadas através de uma segunda empreitada, com cuja execução a editora já concordou por desejo multilateral. Esta é a publicação de um atlas de imagens cujas representações em sequência contínua devem dar uma perspectiva direta do curso de desenvolvimento histórico de acordo com seus mais significativos monumentos. A relação do atlas com o manual será semelhante à do publicado Monumentos da Arte Antiga⁵ de C. O. Müller⁶ e C. Oesterley⁷ com o Manual de Arqueologia⁸ de Müller. Neste empreendimento a participação do público com antecedência também deve ser muito recomendada.

Por fim, impõe-se-me expressar meu mais sincero e profundo agradecimento àqueles que promoveram meu trabalho através de útil assistência de vários tipos, através de assistência amigável mantiveram minhas forças e minha vontade até o fim novos e animados. Nessa participação já encontrei a melhor recompensa por meus esforços. Mas não somente a eles, a todos que me alegraram com informações e envios de tantos tipos, muitas vezes sem qualquer convite, apresentaram tantas ferramentas novas e instrutivas a meus estudos no campo da história da arte, sinto-me obrigado a agradecer abertamente. Que este livro consiga que eu receba a assistência de velhos amigos e talvez também que eu adquira novos!

Berlim, 22 de outubro de 1841.

F. Kugler

⁵ Denkmäler der alten Kunst, 1832. N.T.

⁶ Karl Otfried Müller (1797-1840), erudito alemão e Filodorianos, ou admirador da antiga Esparta, que introduziu o estudo moderno da mitologia grega. N.T.

⁷ Carl Friedrich Wilhelm Oesterley (1805-1891), pintor e historiador da arte alemão. N.T.

⁸ Handbuch der Archäologie der Kunst. J. Max, Breslau, 1830. N.T.

Terceiro capítulo

Os antigos monumentos da América

Nota preliminar

Temos de considerar como exemplos de avançado desenvolvimento da arte uma outra vez, em parte como exemplos altamente importantes, os antigos monumentos da América.⁹ Quando os europeus familiarizavam-se com a América no fim do século 15 e início do século 16 d. C., encontraram em diversas terras dessa parte do mundo povos que gozavam de um grau peculiarmente desenvolvido de civilização, sim, cuja cultura já estava mais ou menos degenerada e cuja era de florescimento já pertencia em parte a uma história antiga. Grandiosos monumentos da arte estavam lá como as testemunhas dessas peculiares circunstâncias culturais. Mas as guerras sangrentas com as quais a cobiça dos europeus castigava o Novo Mundo venceram a força daqueles povos; os monumentos ficaram isolados, muitas vezes devastados por fanatismo religioso; a desolação que se espalhou em torno deles transformou-se em selva espessamente emaranhada, e a superioridade da vegetação das terras tropicais trabalhava diligentemente para essa destruição. Logo a existência desses monumentos, bem como sua relação com as circunstâncias históricas dos povos nativos, era esquecida. Somente a partir do começo do século atual, desde que Alexander von Humboldt¹⁰ levou a luz da ciência contemporânea às terras do Novo Mundo, voltou-se de novo à investigação da antiguidade americana. Os monumentos mais notáveis foram outra vez descobertos, descritos, representados. Mas ainda sempre aquilo que conhecemos mais precisamente é pouco em relação àquilo de que recém possuímos um conhecimento superficial; mas muito também pode ainda estar totalmente oculto à nossa vista. Não obstante, aquilo que se tornou conhecido para nós chega para determinar o significado universal daqueles monumentos para o curso de desenvolvimento da arte.

A. Monumentos nos Estados Unidos da América

Os monumentos da antiguidade americana são de espécie diversa, cada um de acordo com as diversas regiões às quais pertencem. Como tais, que correspondem por sua vez ao estado cultural mais simples (paralelo ao da antiguidade norte-

⁹ J. D. von Braunschweig, sobre os antigos monumentos americanos, Berlin 1840.

¹⁰ Alexander von Humboldt (1769-1859), geógrafo, naturalista e pesquisador alemão. N.T.

européia), indica-se primeiramente aqueles que se encontram, em número muito mais significativo, nos Estados Unidos da América.¹¹ Esses são simples túmulos de forma cônica construídos parte de terra, parte de pedras colocadas umas sobre as outras. Alguns são de proporções muito significativas (o de St. Louis, no estado do Missouri, tem 128,88m de diâmetro e 30,48m de altura), outros são pequenos. Alguns poucos também se encontram (igualmente em St. Louis e em Point Creek), que ascendem em grandes patamares, assim têm uma forma mais definida e lembram as pirâmides em degraus no México (depois delas). Além desses túmulos, ocorrem nas mesmas regiões também inúmeras fortificações, que frequentemente estão em contato com aqueles. São circunvalações de grande extensão, feitas predominantemente em forma de octógono e construídas parte de terra, parte de pedra.

B. Monumentos na América do Sul

Dos monumentos recém-mencionados listam-se primeiramente os da América do Sul.¹² O antigo Império Inca – Peru, Equador, Bolívia – contém uma significativa quantidade, mas há sobre eles ainda notícias muito pouco suficientes. Parece que podemos comparar esses monumentos com aqueles nas ilhas do Oceano Pacífico e talvez perceber neles um passo para maior instrução.

No que diz respeito à qualidade de alguns grupos de pirâmides que se encontram no Peru, no Departamento de Ayacucho, falta-nos conhecimento mais preciso sobre elas. Estamos mais familiarizados com alguns outros monumentos. Entre eles mencionam-se especialmente os monumentos de Tiwanaku¹³, na Bolívia, próximo de La Paz;¹⁴ eles consistem de longas filas de pilares quadrados e de um monumento ao alto no estilo de portal em contato com os últimos, que é feito de um pedaço de rocha. Esse monumento, que aqui nomeadamente interessa, abre-se de forma simples quadrada, em meio a uma porta igualmente formada em ângulo reto; na fachada estão construídas janelinhas nas laterais da porta, da mesma forma, em dois andares sobrepostos. Arcos simples e rasos constituem as cornijas do monumento e já apontam, portanto, uma necessidade definida de organização e divisão; um interesse muito particular, porém, despertam os contornos da porta e das janelinhas, que se aproximam, ainda que em disposição muito simples, mas com gosto, ao princípio da beleza da arquitetura grega. Nas traseiras do monumento não estão

¹¹ von Braunschweig, p. 71.

¹² Resumo (com exceção dos monumentos da Bolívia) em von Braunschweig, supracitado p. 38.

¹³ Também grafado Tiahuanaco, Tiahuanacu e Tihunaco. N.T.

¹⁴ D'Orbigny, l'homme américain, quadro 9-11.

construídos nichos, mas sim, em lugar deles, esculturas em relevo, como enfeite da parte superior. Essas esculturas dão, por sua vez, um exemplo muito importante para o início da arte plástica. Elas também mostram por um tratamento zeloso apenas a concepção de condições mais universais da forma física, enquanto a própria realização ainda tem um caráter fantásticamente arbitrário e a preparação é efetuada segundo leis convencionais; mas elas já são mais desenvolvidas que os ídolos supracitados das Ilhas Sanduíche¹⁵. O mesmo vale para algumas outras esculturas que se encontraram em Tiwanaku e em outros locais na Bolívia.¹⁶

Notável é, então, a ruína de um templo inca na Ilha Titicaca¹⁷ (também na Bolívia).¹⁸ É um volume quadrado simples, a formação da construção superior não mais claramente reconhecível. Abaixo foram construídas portas e nichos de portas nas paredes do templo, que têm uma forma piramidal (isto é, uma inclinação oblíqua das superfícies laterais) e foram contornadas e coroadas de maneira similar à porta e aos nichos do monumento de Tiwanaku.

Em muitos lugares, sobretudo no Peru, as ruínas de palácios dos incas são mencionadas; as poucas das quais possuímos gravuras,¹⁹ mostram simplesmente sólidos muros sem maior adorno; as aberturas de porta e janela também têm aqui uma forma piramidal. Nessas regiões lembra-se frequentemente de ruínas de antigas cidades. Mas aqui aquelas construções parecem ter o mais sumo significado, aquelas que foram erigidas com a finalidade de uso público. Entre elas deve-se mencionar principalmente o grande Caminho dos Incas, uma obra gigantesca, que levava de Quito a Cuzco, atravessando os abismos por imponentes diques de terra e cortando pelos rochedos na montanha; junto a ele foram construídos em certas distâncias abrigos (hospedarias), templos e fortalezas. A construção de fortalezas em geral, também de canais, era significativamente desenvolvida no antigo Peru.

Finalmente, encontram-se monumentos singulares na região do rio Orinoco, agora habitada por rudes hordas. São imensas representações de significado simbólico, animais, figuras planetárias e similares, que se veem lá enterradas na superfície dos rochedos.

C. Monumentos no México

¹⁵ Nome dado ao arquipélago de ilhas que forma o Havaí pelo explorador britânico James Cook, que chegou a elas em 18 de janeiro de 1778. N.T.

¹⁶ D'Orbigny, quadro 6-8.

¹⁷ Atualmente chamada de Isla del Sol. N.T.

¹⁸ D'Orbigny, quadro 13.

¹⁹ Von Humboldt, Vues des Cordillères, quadro 17-20, quadro 24.

Como os monumentos mais significativos na América nos parecem os antigos monumentos do México.²⁰ Esses são, com efeito, os que aqui chamam nossa atenção mais em pormenor para si e que se nos apresentam principalmente como os primeiros exemplos de uma arte completamente desenvolvida segundo os princípios mais simples. A dos países vizinhos da América Central parece estar ligada a eles; mas não temos qualquer informação mais precisa sobre a natureza singular desses últimos.

§. 1. Idade e originalidade dos monumentos mexicanos

Seria muito desejável poder apresentar disposições mais pormenorizadas sobre a diferente idade desses monumentos e sobre os diferentes povos a cujos cada um entre eles pertence. Mas nosso conhecimento da antiguidade mexicana em geral, bem como dos monumentos em sua totalidade, não é de forma alguma avançado ao grau para que pudéssemos nos aprofundar com precisão suficiente. Segundo as pesquisas até agora temos em geral apenas que aceitar que a construção desses monumentos cairia na época da Idade Média. Em diferentes períodos da Idade Média encontramos aqui traços de povos que migram de norte a sul e fundam na parte sul do território mexicano, especialmente no planalto do próprio México (o antigo Anáhuac²¹), estados prósperos e civilizados. Aos mais importantes desses povos pertencem os toltecas, que migraram para Anáhuac no século VII, e os astecas, que migraram para lá no fim do século XII; os últimos ainda eram o povo reinante quando Fernando Cortez conquistou o México. A parte visual dos monumentos que encontramos nos diferentes estados, principalmente ao sul do território mexicano, parece apontar para diferenças consideravelmente populares e históricas; mas ainda precisamos, conforme dito, aguardar por maiores pesquisas e informações antes que possamos motivar com certeza o singular dessas diferenças. Também vemos na arquitetura dos monumentos alguma heterogeneidade diante de nós; não obstante, aqui é o princípio fundamental, o próprio espírito, que anima essas formas, igual por toda parte e precisamos aceitar, portanto, em geral, se não parentesco decisivo desses povos, então uma permanência mais ou menos constante no mesmo grau de civilização. Mas para nosso objetivo é importante antes de tudo perceber que, em contrapartida, ainda que não possamos

²⁰ Resumo em von Braunschweig, supracitado. Mas as novas obras com representações figuradas da antiguidade mexicana, que podem ser quase que unicamente nomeadas como fontes suficientes para o conceito do desenvolvimento artístico, permanecem desconhecidas ao autor. Estas são nomeadamente: Lord Kingsborough, *Antiquities of Mexico* (principalmente o volume IV, que contém entre outros os *Monuments of New Spain, by M. Dupaix*). – C. Nebel, *Voyage pittoresque et archéologique dans la partie la plus interessante du Mexique*. – J. de Waldeck, *Voyage pittoresque et archéologique dans la province d'Yucatan*.

²¹ Atualmente Vale do México. N.T.

recuar esses monumentos a um tempo primitivo da raça humana, nenhuma influência alheia se torna visível em sua plasmação, de modo que, por consequência, elas estão diante de nós intocadas pelas formas de arte de uma civilização superior como as testemunhas de um desenvolvimento autônomo e popular. Estabeleceram-se milhares de hipóteses aventureiras, em parte também aparentemente fundamentadas para explicar a origem desses monumentos de influências que teriam partido das de povos do Velho Mundo; recentemente buscou-se com grande sagacidade apresentar em particular a Ásia oriental como o berço da cultura americana.²² Mas com todos esses esforços ainda nada demais foi averiguado que fosse para considerar como decididamente irrefutável. E mesmo querendo-se admitir que o singular na representação visual dos monumentos mexicanos apontaria para a Ásia com necessidade,²³ que os mexicanos de fato teriam tomado de lá, assim emergiria ainda mais a originalidade de sua arte; com isto seria testemunhado que apenas pormenores, apenas formalidades (no sentido artístico) são tomadas do estrangeiro, mas que um sentido muito autônomo e artístico os defrontava do que o próprio caráter da arte mexicana teria podido ser transformado por tais elementos, ou que ele teria recebido por eles sua direção e instrumentação originais. Pois, de fato, a arte mexicana parece-nos, de acordo com sua natureza interna, totalmente diferente de tudo que senão conhecemos em realizações artísticas entre os povos da Terra.

§. 2. Gêneros da arte mexicana

As obras de arte que encontramos no México são principalmente monumentos grandiosos e religiosos. Eles têm uma forma arquitetônica formal, culta e organizada. O material arquitetônico é muitas vezes guarnecido com rico ornamento, que em parte só cobre as superfícies com gracioso jogo de linhas, mas em parte também contém composição orgânica, obras de uma escultura independente. Os últimos têm por sua vez, como parece, um caráter realmente monumental, contanto que se refiram como uma escrita imagética ao significado particular do monumento individual. Além disso, porém, há muitos trabalhos estatuários independentes, em parte figuras de deuses, que servem à veneração religiosa, em parte figuras de pessoas, cuja memória (talvez igualmente venerada) devia ser fixada, como parece, através delas. Finalmente

²² Assim especialmente von Braunschweig, supracitado.

²³ A este respeito colocou-se, entre outros, nomeadamente peso no fato de que em alguns dos monumentos até agora conhecidos (nos de Xochicalco e em Palenque) figuras humanas estão representadas, que sentam de acordo com a forma asiática, particularmente hindu, com as pernas cruzadas. Mas de maneira alguma conhecemos o passado da América suficientemente bem para poder afirmar que um costume tão casual precisaria necessariamente vir do estrangeiro.

devem-se mencionar inúmeras obras da pintura, que precisam decididamente ser consideradas como uma verdadeira escrita imagética, e como uma escrita imagética de tal dimensão e especialização, que nela puderam ser compostos os variados documentos escritos do povo em papel a base de fibras vegetais, dos quais temos notícia e dos quais muitos fragmentos estão conservados.

§. 3. Estilo da arquitetura mexicana

Entre as obras arquitetônicas do México aparece primeiramente uma forma principal como a predominante por toda a parte. É a forma mais simples de monumento religioso – o altar elevado, para o qual as vítimas da divindade são trazidas; mas o mesmo é construído em tamanho enorme, para que a chama do altar leve mais próximo à divindade e o ato sagrado, que acontece sobre seu cume, se tornasse visível aos olhos dos homens. Esses enormes altares sacrificiais têm a forma de pirâmides quadrangulares; são designados com o nome de teocalli (casa de deus), estão dirigidos exatamente aos quatro pontos cardeais e cortados na parte de cima em uma superfície maior ou menor. Elevam-se geralmente em muitos grandes patamares, que em parte formam terraços adicionais, em parte também apenas são designados como tais pelos cinturões que correm ao redor. Escadas íngremes e amplas levam a um ou a mais lados da superfície superior; às vezes, mas apenas raramente, as escadas estão assim ordenadas, que levam de um patamar a outro em ziguezague ou em outra disposição. No platô superior das pirâmides elevam-se, consoante o que for de maior ou menor grau, menores ou mais prolongadas construções, capelas, templos, átrios e similares, que em casos individuais formam construções muito significativas. Esses teocallis geralmente estavam rodeados por grandes pátios, nos quais foram conservadas as residências dos sacerdotes e os outros recintos, dos quais se necessitava para o fim de culto aos deuses. – Em casos individuais encontram-se também construções anexas que são semelhantes às dos cumes das pirâmides, porém, que não repousam em uma subconstrução piramidal; não se consideram essas realmente como templos, mas sim como edifícios que foram erigidos para outros fins, porém igualmente religiosos. – Além disso, sabemos que a antiga arquitetura mexicana também compreendia todas as demais necessidades mais subordinadas da vida em parte de forma grandiosa; mas nosso conhecimento de tais obras é mínimo.

Vemos neste sistema de construção de pirâmides o surgimento notável de um princípio arquitetônico simples, desse modo também não é menos interessante a especialização do detalhe arquitetônico no mesmo. Por toda parte está nas obras de

arquitetura a formação do segmento individual (se o mesmo naturalmente também sempre precisar ser condicionado por meio da relação do segmento com o todo, por meio do significado que o mesmo tem no todo) característico para o grau da vida, típico para o organismo que predomina no todo arquitetônico. E assim também aqui: mas todo detalhe, todas as estruturações estão construídas aqui somente conforme as mais simples leis. Sua existência testemunha uma arquitetura que já está consciente de seu desenvolvimento, porém sua formação se encontra ainda no degrau mais baixo de desenvolvimento. São geralmente apenas arcos simples e fortes de perfil retilíneo (retangular ou acutangular), que formam as cornijas que coroam ou separam; também onde aparecem muitas vezes compostos, lhes falta, não obstante, ainda toda realização propriamente animada, que nasce por meio da aplicação de formas em movimento de perfil elasticamente arqueado. Do mesmo modo, são quase sempre apenas sulcos ou depressões formadas linearmente, a partir dos quais em alguns monumentos, se por um lado também em conformação rica e variada – como caixotões²⁴, como ornamentos em zig-zague, como gregas e similares – consiste o adorno da superfície das paredes. E já a maneira como esse adorno é aplicado quase que arbitrariamente, ao menos sem motivação realmente arquitetônica, testemunha o ainda sempre infantil estado do desenvolvimento da arte.

Tal adorno encontra-se principalmente nas paredes de alguns grandes edifícios, que estão construídos no platô dos teocallis ou independentemente. Esses edifícios aparecem quase sempre, segundo sua forma principal, como volumes simples e quadrados. Portais simples, sobrepostos em linha reta, ou posições de pilares simples quadrados, que estão igualmente sobrepostos com vigamento retilíneo, abrem esses edifícios para o exterior. Colunas, um dos mais importantes testemunhos para uma arquitetura mais vivamente desenvolvida, ocorrem apenas muito excepcionalmente, somente no interior dos edifícios, e também elas estão sem maior especialização arquitetônica. A cobertura dos espaços internos é singular, porém, novamente construída segundo o mais simples princípio. Encontra-se aqui geralmente aquele sistema de cobertura que muitas vezes também aparece nas arquiteturas mais antigas do Velho Mundo (tanto na Grécia e na Itália, quanto no Egito e no oriente asiático), que estão aplicados não em grandes lajes de pedra que alcançam de uma parede à outra, mas placas menores, que se sobressaem como degraus uns sobre os

²⁴ O termo caixotão, ou mais raramente arca, caseto ou caixão (termo que provem do americanismo caps, peito, gaveta) é um termo arquitetônico que designa cada um dos motivos geométricos ocós (como quadrados, retângulos ou octógonos) que são dispostos numa base regular (similar a um tabuleiro de xadrez) num telhado ou o interior de uma cúpula. N.T.

outros, até se encontrarem no alto e desse modo fecharem o recinto. Assim, essa cobertura aparece similar ao interior de um telhado, no qual aquela forma de degraus está em parte conservada, mas em parte também transformada em uma grande superfície oblíqua. Os portais às vezes também estão sobrepostos de forma semelhante. No exterior essa cobertura tem em parte uma superfície horizontal, em parte eleva-se também aqui como telhado, isto é, concordando com as formas principais da arquitetura, em forma piramidal.

§. 4. Os principais monumentos arquitetônicos no México

Voltemo-nos agora para os únicos monumentos do México conservados e por nós conhecidos, assim deve-se em primeiro lugar observar que, como indicado acima, de longe a maioria só nos chegou no estado de uma ruína mais ou menos danificada e que sobretudo em muitos dos teocallis apenas o volume rudimentar está conservado, mas as pedras que formavam o revestimento artisticamente desenvolvido estão totalmente ou em parte perdidas.

A esses pertencem primeiramente duas notáveis pirâmides em San Juan Teotihuacán, no amplo vale que se estende em torno da Cidade do México.²⁵ Uma delas leva o nome de Tonatiuh Ytzaqual (Casa do Sol)²⁶; sua base tem 196,6 m de comprimento, sua altura é de 52,12 m. A outra, de dimensões algo menores, chama-se Meztli Ytzaqual (Casa da Lua)²⁷. Elas pertencem aos monumentos mais antigos do país; ao menos os povos que habitavam esta terra quando da chegada dos espanhóis as atribuíam à nação tolteca, isto é, ao século VIII ou IX d. C. Elas formam quatro terraços (patamares), dos quais apenas três ainda podem ser reconhecidos. Escadas de grandes paralelepípedos levavam ao cume, onde, segundo o relato dos primeiros viajantes, estátuas estavam colocadas, cujo revestimento consistia de finas lâminas de ouro. Cada um dos terraços principais era dividido em pequenos degraus de cerca de 1,22 m de altura, cujas juntas ainda se pode distinguir. Em torno de ambos os teocallis estende-se um verdadeiro sistema de pequenas pirâmides de cerca de 9,14 m de altura, que em número de centenas ficam em amplas ruas. Atualmente essas têm a forma de pequenas colinas. São consideradas monumentos sepulcrais. – Próximo a essas pirâmides deve-se mencionar o grande monumento de Cholula²⁸, igualmente uma construção piramidal, que se eleva em quatro terraços largos e cujo platô superior

²⁵ A. von Humboldt, Versuch über den politischen Zustand des Königreichs Neu-Spanien, II, p. 59.

²⁶ Pirâmide do Sol. N.T.

²⁷ Pirâmide da Lua. N.T.

²⁸ Von Humboldt, supracitado, p. 132 – Vues des Cordillères, quadro 7.

tem uma dimensão muito significativa. Sobre ele erguiam-se originalmente sem dúvida prédios variados (algo como em Palenque, consultar abaixo). A base do monumento mede 411,48 m de largura, a altura é de 50,6 m. Esta também se soma às mais antigas obras do país.

Diferentemente mais íngreme que as recém-citadas, ergue-se uma pirâmide que se encontra em San Cristóbal Teopantepec (ao sul de Tlacotepec). Nela as escadarias não levavam direto ao platô, mas sim em uma linha em ziguezague de um patamar para outro. Uma pirâmide no distrito de Cuernavaca é similar. – Um teocalli na antiga cidade de Huatusco (a 14,48 km a leste de Córdoba), consistindo de três patamares com superfícies laterais verticais, está no alto distintamente por meio de um prédio estilo capela, que de maneira particular parece imitar a forma de uma pirâmide dividida em três partes.²⁹ De outra forma e também particularmente formada é a construção que se ergue sobre uma pirâmide sob as ruínas da antiga cidade de Tusapan.³⁰

Mas entre todos os teocallis que nos são conhecidos a pirâmide de Papantla (em Veracruz) aparece como a mais notável.³¹ Ela eleva-se em sete patamares, que, porém, não são construídos por meio de verdadeiros terraços, mas por meio de amplas faixas que estão adornadas com caixotões quadrados e com representações figuradas. No lado leste uma grande escadaria dupla leva diretamente ao platô superior. A largura da base mede 36,58 m e a altura 25,91 m. A pirâmide leva o nome de El Tajín pelos nativos e inúmeras ruínas que se estendem pela floresta testemunham que também ela constituía o centro de uma cidade outrora poderosa. Na mesma região, no sítio de Mapilca, encontram-se as também muito significativas ruínas de uma outra cidade,³² entre outras também de estruturas piramidais; mas dessas não resta mais nada em pé. – Também uma outra das pirâmides notáveis, a de Xochicalco (ao sul do México, em Cuernavaca)³³ só está conservada como ruína; ela consistia de cinco patamares, dos quais apenas o mais baixo ainda existe; todas partes dessa notável construção estavam cobertas com esculturas e ornamentos; vestígios de cor conservados testemunham que esses ricos adornos foram pintados ao mesmo tempo. A pirâmide eleva-se sobre uma colina de forma cônica, cujas encostas estão construídas em forma de terraços e protegidas por meio de fortes muros.

²⁹ Dupaix dá ilustrações desses três monumentos em Kingsborough, IV, seção I, quadros 2, 7, 5.

³⁰ Ilustração em Nebel.

³¹ Nebel.

³² Nebel.

³³ O mesmo.

Encontram-se variadas construções nos moldes piramidais depois de Tehuantepec (no estado de Oaxaca).³⁴ Aqui se distingue um monumento muito colossal, que se eleva em oito patamares e contém vários edifícios no grande platô que constitui sua superfície superior. Julga-se que esse monumento não tenha sido construído meramente para fins religiosos, mas sim também para fins militares. Encontra-se entre os monumentos piramidais de Tehuantepec também um, que tem uma base circular e eleva-se em oito patamares, semelhante a um cone delgado.

As mais extensas entre as construções que nos são conhecidas são as de Palenque (no estado de Chiapas).³⁵ São em parte largos alicerces piramidais, nos quais se elevam variadas construções, em parte prédios que estão construídos sem tal fundação. Elas levam o nome de “casas de pedras” pelos moradores da região. A mais vistosa dessas construções repousa sobre uma ampla infraestrutura piramidal que se eleva em três patamares. No meio de um dos lados há uma larga escadaria. Na vasta superfície superior encontra-se um complexo de diferentes prédios e pátios, delimitados por uma construção exterior, que se estende à margem do platô, aberta ao exterior em pilares, que estão ornados com relevos em estuque. Dentro dessa construção exterior há três pátios de tamanhos diferentes, e entre esses e aos seus lados os diferentes prédios. Os últimos repousam aqui sobre um suporte de altura não insignificante; eles estão mais uma vez abertos por meio de pilares, aos quais pequenas escadarias levam. Dentre esses prédios uma torre é notável (a única que conhecemos na arquitetura mexicana) de cinco andares principais e tantos andares intermediários menores, separados por cornijas; a superfície de cada andar mais alto é de menor proporção, de modo que também aqui se distingue uma semelhança com as formas da construção de pirâmides. A propósito, os detalhes da arquitetura em Palenque são em geral muito simples; mas ela é distinta pelas esculturas muito numerosas, variadas e singulares que formam seu adorno.

Altamente notáveis e grandiosos são, aliás, os monumentos que se conservaram em Uxmal (antigo Itzalan no estado de Yucatan).³⁶ Aqui se deve notar primeiramente uma pirâmide de base oblonga, cuja base mede 64,92 m de comprimento, enquanto tem uma altura de cerca de 30,48 m. Em seu platô eleva-se um templo de 24,89 m de comprimento, 4,47 m de largura e 5,18 m de altura. Esse prédio é um dos mais interessantes exemplos da arquitetura mexicana, porque sua fachada, tanto as maiores superfícies da parede quanto as cornijas, está adornada

³⁴ Dupaix, seção III, quadros 1-5.

³⁵ Dupaix, seção III, quadros 10-38.

³⁶ Ver trabalho de Waldeck.

com mais fino caixotão e com outros ornamentos esculpidos; também se encontraram os vestígios de cores vivas, através das quais esse adorno mantinha uma aparência ainda mais rica. Aos lados do portal apoiavam-se estátuas de trabalho notadamente artístico; essas estão destruídas, mas ainda há fragmentos suficientes delas para poder-se conseguir a partir deles uma imagem satisfatória de sua qualidade original. Voltarei a elas mais abaixo. – Próximo da pirâmide de Uxmal há um grande pátio de 69,39 m de comprimento e 52,66 m de largura. Aos lados desse pátio elevam-se, sobre um alicerce em comum de cerca de 4,57 m de altura, quatro prédios que são tomados por residências de sacerdotes. Suas fachadas têm um estilo similar ao da do templo sobre a pirâmide, mas o caixotão não é construído igualmente rico em todos. Também aqui se encontraram vestígios de cor. Em um desses prédios a fachada está adornada com imensas serpentes que se estendem pela mesma e que, entrelaçando-se umas às outras em determinados intervalos, dividem a superfície da parede em uma série de campos singulares; também outras esculturas ornamentais, como estátuas, similares às do templo, aparecem nessa fachada. Novamente outras esculturas ornamentais encontram-se nos demais prédios. Todas essas esculturas têm naturalmente seu significado simbólico especial. O pátio que esses prédios encerram está pavimentado com 43.660 lajes de pedra, sobre as quais está representada uma tartaruga em baixo-relevo. A impressão que esses prédios em meio ao silêncio da natureza solitária evocam no viajante é em alto grau maravilhosa. Ainda outros monumentos encontram-se em Uxmal, sobre os quais, porém, até agora não temos maiores detalhes.

Como um equivalente para o palácio sacerdotal de Uxmal deve-se finalmente nomear os palácios de Mitla (no estado de Oaxaca) também altamente magníficos e peculiares.³⁷ O nome verdadeiro desse lugar é Mictlan, o que significa “lugar do luto”; segundo tradição antiga ele é um túmulo principesco e considera-se que os palácios teriam sido destinados para uma residência principesca de luto. Em torno de um pátio de 37,49 m de comprimento estão também aqui situados quatro prédios sobre um alicerce consideravelmente saliente. Grandes degraus levam às entradas; as últimas são em cada prédio três, que são separadas uma da outra por dois fortes pilares quadrados. Sobretudo aqui novamente a decoração da fachada é notável. Os segmentos oblíquos (agudos) que, aliás, compõem as cornijas da arquitetura mexicana, aparecem aqui enormemente aumentados, de forma que (ao menos nas quinas dos prédios) mal resta um indício diminuto da superfície vertical, - uma maneira

³⁷ Dupaix, seção II, quadros 27-39. – Conferir von Humboldt, Vues des Cordillères, quadros 49-50.

da formação arquitetônica, que é tão mais acentuada quando aqueles segmentos agudos aparecem em pé (somente nas fundações com declive rebaixado da superfície). Sem dúvida tem-se de considerar uma tal disposição já como uma forte degeneração do princípio arquitetônico original. Mas nesses segmentos são apresentados entalhes significativos, pelos que mesmo aquela superfície vertical novamente é feita de uma certa forma para partes individuais da fachada. Esses entalhes estão guarnecidos com adorno rico e em forma de mosaico que contém as diversas combinações do ornamento retilíneo, gregas e semelhantes. O mesmo adorno encontra-se também nos pilares. Em duas das colunas de Mitla encontraram-se, como um exemplo muito raro, empregos de colunas que eram destinadas ao apoio do teto; o último atualmente não existe mais e consistia provavelmente de madeira. As colunas são de pórfiro, de 4,57 m de altura (isto é, seis diâmetros a menos³⁸) e reduzidas; com isso não faltam a elas meramente a canelura, mas também capitel e base, elas parecem indicar por si próprias que a construção de colunas na arquitetura mexicana não conseguiu qualquer refinamento. – Os túmulos, que estão em parte sob os palácios, em parte próximos a eles, são câmaras subterrâneas que têm uma considerável dimensão. Suas paredes têm o mesmo adorno em forma de mosaico que as fachadas dos palácios. – Próximo aos últimos estão ainda mais grupos de prédios de semelhante disposição.

Sabemos que ainda em muitos outros lugares do México (especialmente no estado de Yucatan) existem monumentos de variados tipos diferentes; mas essa notícia basta apenas para indicar o caminho da investigação aos futuros pesquisadores. Ainda assim, aqui se deve ainda citar os notáveis monumentos de La Quemada (em Villa Nueva, ao sul de Zacatecas).³⁹ São ruínas que, como os restos de uma cidade considerável, cobrem uma colina inteira. Aqui se vê um número considerável de divisões do templo que estão cercadas por muros ou por residências de sacerdotes e em cujo meio erguem-se as pirâmides. Para os princípios que foram seguidos em tais construções, esses restos de construção são muito importantes, todavia de outro modo não encontramos em qualquer parte o arranjo geral em mesma dimensão completamente conservado. Mas, apesar disso, essas construções e especialmente as pirâmides são em geral apenas de pequenas dimensões, de modo que aqui, como parece, temos que abranger uma época tardia da edificação. Também

³⁸ Relação entre a proporção do diâmetro da coluna e sua altura total, com todos seus elementos. N.T.

³⁹ Veja a obra de Nebel.

aqui se encontraram no interior de alguns recintos os restos de construções de colunas.

Finalmente deve-se mencionar ainda um grupo de monumentos que está construído no norte do México, às margens do rio Gila, e conhecido pelo nome de Casas Grandes^{40, 41}. Eles parecem aparentados com os até agora discutidos do sul do México, mas temos sobre eles apenas notícias obscuras que derivam dos viajantes mais antigos. Esses prédios tomam a área de 2,59 km²; eles têm em parte vários andares. O monumento principal, construído no meio dos demais, eleva-se sobre uma área de 172,52 m de comprimento e 127,71 m de largura em estilo de construção em forma de degraus.

§. 5. A antiga Cidade do México

Os monumentos discutidos anteriormente sobressaem-se como as testemunhas isoladas de uma cultura perdida na vida do presente. Nos relatos dos conquistadores espanhóis sobre a terra e o povo, cujo florescimento eles destruíram, nos é conservada, todavia, uma imagem bastante vívida dessa cultura e da relação dos monumentos com a vida do povo. Especialmente interessantes são os relatos sobre a capital do reino dos astecas, México,⁴² ou, como era usualmente chamada então, Tenochtitlán. (México significa residência do Mexihtil ou Huitzilopochtli, do poderoso deus da guerra dos astecas.) A cidade do México foi construída sobre um grupo de ilhas em meio a um lago, do qual só mais tarde ganhou-se uma extensão maior de solo firme. Canais maiores e menores cortavam a cidade; amplos açudes de duas horas de extensão conectavam-na com as margens do lago. Uma quantidade de teocallis ergue-se a partir dos grupos de casas; o teocalli principal, sobre o qual os terríveis sacrifícios humanos ao Huitzilopochtli eram trazidos, ficava no meio da cidade no mesmo lugar onde mais tarde a catedral do México foi construída. Ele tinha cinco patamares; sua base tinha 90,83 m de largura, sua altura era de 34,75 m. Em seu platô ficavam altares, que eram construídos com tabernáculos de madeira. Em torno do teocalli estendia-se um grande pátio, que era cercado com fortes muros e com as residências dos sacerdotes. Quatro portões levavam ao pátio, cada um deles estava coroado com uma grande construção em forma de torre. O pátio era pavimentado com lajes de mármore tão polido, que os espanhóis, após terem conquistado a cidade, escorregavam a cada passo; Cortez viu-se obrigado, para combater a superstição dos

⁴⁰ Também conhecidas como Paquimé. N.T.

⁴¹ Von Braunschweig, p. 46.

⁴² Von Humboldt, Versuch über den politischen Zustand des Königreiches Neu-Spanien, p. 29. – Conferir o Kunstblatt de Schorn (segundo Beltrami) 1831, número 102 e seguintes.

nativos, a tomar precauções especiais contra esse mal. O mercado da cidade tinha uma extensão significativa e era cercado por um imenso pórtico. Ali eram vendidas as mais variadas mercadorias em departamentos regulamentados e sob uma precisa polícia do mercado; nele encontravam-se as cabines dos barbeiros, os boticários, os restaurantes e assim por diante. No meio do mercado havia um tribunal que oferecia todos os meios legais ao comércio. A imagem total desse mercado corresponde completamente à organização dos fóruns romanos. Ademais, deve-se notar que a Cidade do México fora fundada no ano de 1325 e até mesmo o grande teocalli construído em 1486.

§. 6. A arte plástica dos mexicanos

No que diz respeito às obras da escultura mexicana, já foi assinalado acima, que se pode perceber nelas, mais do que é o caso nas arquiteturas, diferentes estilos de arte popular, talvez ao mesmo tempo as testemunhas de diferentes graus de desenvolvimento da arte plástica. Os mais divulgados são aqueles trabalhos atribuídos aos astecas;⁴³ eles designam o degrau mais baixo de desenvolvimento da escultura mexicana. Vê-se neles como o olho do artista primeiramente contraria o significado da figura organicamente animada, como ele esforça-se para primeiro compreender as manifestações da vida espiritual. Mas ele só consegue expressar o comum dessas circunstâncias; a forma corporal é predominantemente pesada e curta, as partes individuais, especialmente a cabeça, de tamanho excessivo; o adorno, que é adicionado às figuras (muitas vezes certamente com um significado simbólico), toma igualmente ainda um espaço excessivo e é tratado arquitetonicamente de forma convencional; a execução entra só raramente no detalhe fino das formas; a imaginação, guiada pelas ideias de um ensino sacerdotal sinistro, vagueia em parte ainda arbitrariamente e reúne, especialmente na representação de seres demoníacos, o diverso ao todo aventureiro. Em tal modo estão trabalhados muitos ídolos de argila cozida (cuja grande rudeza, todavia, não deve ser encarada como determinante, dado que elas estavam claramente destinadas apenas para o uso privado comum), como outros de basalto, também de metais. Um dos monumentos mais interessantes é um altar de sacrifício redondo (localizado na Cidade do México), que está circundado por um baixo relevo apresentando uma cena histórica; vê-se no mesmo guerreiros ricamente adornados, cada um segurando pelos cabelos um derrotado, que se curva e oferece àquele uma flor. Muito notável é, além disso, a figura de basalto de tamanho

⁴³ As melhores ilustrações (especialmente dos monumentos mencionados a seguir) em Nebel. – Outras em von Humboldt, *Vues des Cordillères*, e em Kingsborough, vol. IV.

médio de um sacerdote mexicano que se cobriu, de acordo com um costume religioso especial, com a pele de sua vítima de sacrifício humano sobre o rosto e o corpo; esse trabalho está realizado com um sentido razoável da natureza; ele foi encontrado em Tezeuco, não distante da Cidade do México. A colossal estátua de basalto da deusa da morte asteca Teoyaomiqui (na Cidade do México) aparece em contrapartida como uma imagem cinza altamente disforme e hedionda, fantásticamente construída de serpentes, garras, pérolas e adornos de penas, de crânios e outras vítimas de sacrifício, de modo que mal se mantém a impressão de uma figura real e sente-se à sua vista somente o horror da monstruosidade.

Relacionadas com esses trabalhos são as esculturas em relevo nos restos de teocalli de Xochicalco.⁴⁴ Vemos neles formas humanas, figuras de animais e novamente monstros fantásticos. As formas humanas distinguem-se por algum tipo de emoção crua. É muito notável que aqui os esboços das figuras em parte estejam elevados e recortados como faixas estreitas; essa circunstância parece oferecer um exemplo particular para a formação do relevo a partir do desenho (mas ao contrário que na arte egípcia, em que o relevo está formado a partir de esboços entalhados). O mesmo tratamento encontra-se também nos detalhes (boca e olhos) de algumas das figuras de argila referidas acima.

No estilo dessas esculturas astecas estão executadas no total também as pinturas em geral hieroglíficas da arte mexicana.⁴⁵ Elas consistem de esboços coloridos simplesmente.

Nos monumentos de Uxmal⁴⁶ aquelas esculturas que têm um caráter mais ornamental mostram também um certo parentesco com as referidas acima; apesar disso, porém, como ornamentos arquitetônicos, elas estão em geral trabalhadas mais ou menos convencionalmente e nisto, ainda que severamente, não estão estruturadas sem sentido artístico. Mas aquelas estátuas, que adornavam a fachada do templo situado sobre as pirâmides, aparecem essencialmente diferentes. Eram figuras humanas nuas de quase 1,83 m de altura, a cabeça coberta por um capacete e os ombros por uma capa (comparável a uma égide grega). Elas mantinham os braços cruzados em frente ao peito, sua atitude era solene e tranquila. Elas estavam, ainda que em estilo severo, modeladas em condições tão excelentes e especialmente a parte inferior do corpo executada com bom entendimento; poder-se-ia equipará-las às

⁴⁴ Nebel.

⁴⁵ Inúmeras ilustrações em von Humboldt, *Vues des Cordillères* e na obra do Lorde Kingsborough.

⁴⁶ Veja a obra de Waldeck.

melhores obras da arte egípcia, de acordo com suas ilustrações. As obras da arte mexicana que nos são conhecidas não nos oferecem mais semelhantes a elas.

Novamente, em totalmente outro estilo aparecem finalmente as inúmeras esculturas trabalhadas em estuque de Palenque,⁴⁷ que parecem conter as representações mais variadas e simbólicas, entre outras. Percebe-se nelas um sentido de natureza muito animado; as figuras humanas aparecem em completa formação de seu organismo, especialmente da musculatura; as formas são esguias, os movimentos estão mantidos suavemente. Mas com isso vincula-se em pormenores da realização, como nos gestos, a mais bizarra degeneração; as cabeças mostram uma fisionomia propriamente nacional, mas também distorcida até a caricatura (embora existam excepcionalmente também formas de cabeça extremamente belas); o adorno com os quais os dedos frequentemente estão guarnecidos está empregado de forma exageradamente ornada. Poder-se-ia comparar esse ser barroco com desfigurações que as artes plásticas do leste asiático sofreram com os chineses; mas essa observação não deve de forma alguma indicar uma verdadeira condição de parentesco, dado que não se encontra nenhuma concordância mais próxima entre as esculturas de Palenque e aquelas da China. Vemos aqui apenas, como lá, as manifestações de um sentido de arte que já estava mergulhado em profunda degeneração além do limite de sua realização ambiciosa.

A propósito, essa forma de arte não parece pertencer somente a Palenque. Ao menos um relevo⁴⁸ encontrado em Oaxaca mostra exatamente a mesma forma de concepção e tratamento.

⁴⁷ Ilustrações em Dupaix, supracitado. Mas essas, bem como as ilustrações anteriormente publicadas das esculturas de Palenque, não são suficientes. Waldek dá amostras de uma melhor representação, quadro XVIII, 4 e quadro XXII. Ultimamente temos de esperar por uma obra mais detalhada sobre Palenque.

⁴⁸ Von Humboldt, Vues des Cordillères, quadro 11.